AULA 13

Grupo de Redação • 1º Semestre/2017

Whatsapp: 51 99955.7502
E-mail: carlosluzardo1965@hotmail.com

facebook.com/professorcarlosluzardo
twitter.com/carlosluzardo
**Temas - PUCRS 2012/1**

**Tema 1**

Cada geração traz renovadas esperanças para a humanidade: os jovens e adultos que a constituem têm a possibilidade de observar o passado, retirando dele os ensinamentos advindos das melhores experiências e, ao mesmo tempo, projetar seu presente e seu futuro de acordo com suas convicções pessoais.

Nesse contexto, pergunta-se:

*Que experiências vividas ou relatadas pelas gerações passadas você valoriza? Quais você não vai querer reproduzir?*

Refira sobre as ideias que essas questões suscitam e redija um texto opinativo, de caráter dissertativo, no qual você se posicionará sobre o tema, fundamentando seus pontos de vista com dados da realidade e argumentos consistentes.

A opção pelo(s) aspecto(s) que você irá abordar – tais como família, profissão, política, comunicação virtual, relações internacionais, etc. – é sua. Selecione livremente o foco (ou focos) que mais lhe convier(em).

**Tema 2**

Considerando que a educação formal, praticada nas escolas, se transforma a partir de erros e acertos, proponha-se a seguinte questão:

*Quais são os erros e os acertos da Escola e da Educação de hoje, no Brasil?*

A partir da própria experiência, ou da realidade vivida por outras pessoas, refira sobre a Escola que considera ideal, apontando suas características positivas e os erros que devem ser evitados. A seguir, redija um texto opinativo, de caráter dissertativo, fundamentando seus pontos de vista com dados da realidade e argumentos consistentes.

**Tema 3**

*Música* s.f (século) 1. combinação harmoniosa e expressiva de sons 2. a arte de se exprimir por meio de sons, seguindo regras variáveis conforme a época, a civilização, etc. (...)


As definições acima, embora corretas, dizem muito pouco do que a música representa para o ser humano, para além das regras e da arte de combinar sons.

Se é verdade que cada época e cada civilização expressam de modo diverso suas preferências musicais, também é verdade que cada um de nós admira determinados intérpretes, grupos, gêneros, a partir de estímulos os mais variados e muitas vezes inconscientes.

Se você escolher este tema, *diga por que a música é importante em sua vida, apresente sua preferência musical – cantor(a), grupo, gênero – e justifique sua escolha, apresentando razões, fatos ou outros dados que julgar relevantes para sua argumentação.*
Texto 1
10 razões para não ter saudade da ditadura militar

1. Tortura e ausência de direitos humanos
As torturas e assassinatos foram a marca mais violenta do período da ditadura. Pensar em direitos humanos era apenas um sonho. Havia até um manual de como os militares deveriam torturar para extrair confissões, com práticas como choques, afogamentos e sufocamentos.
Os direitos humanos não prosperavam, já que tudo ocorria nos porões das unidades do Exército.
“As restrições às liberdades e à participação política reduziram a capacidade cidadã de atuar na esfera pública e empobreceram a circulação de ideias no país”, diz o diretor-executivo da Anistia Internacional Brasil, Atila Roque.
Sem os direitos humanos, as torturas contra os opositores ao regime prosperaram. Até hoje a Comissão Nacional de Verdade busca dados e números exatos de vítimas do regime.
“Os agentes da ditadura perpetraram crimes contra a humanidade –tortura, estupro, assassinato, desaparecimento– que vitimaram opositores do regime e implantaram um clima de terror que marcou profundamente a geração que viveu o período mais duro do regime militar”, afirma.
Para Roque, o Brasil ainda convive com um legado de “violência e impunidade” deixado pela militarização. “Isso persiste em algumas esferas do Estado, muito especialmente nos campos da justiça e da segurança pública, onde tortura e execuções ainda fazem parte dos problemas graves que enfrentamos”, complementa.
2. Censura e ataque à imprensa
Uma das marcas mais conhecidas da ditadura foi a censura. Ela atingiu a produção artística e controlou com pulso firme a imprensa.
Os militares criaram o “Conselho Superior de Censura”, que fiscalizava e enviava ao Tribunal da Censura os jornalistas e meios de comunicação que burlassem as regras. Os que não seguissem as regras e ousassem fazer críticas ao país, sofriam retaliação –cunhou-se até o slogan “Brasil, ame-o ou deixe-o.”
Não são raras histórias de jornalistas que viveram problemas no período. “Numa visita do presidente (Ernesto) Geisel a Alagoas, achamos de colocar as manchetes no jornalismo da TV: ‘Geisel chega a Maceió; Ratos invadem a Pajuçara’. Telefonaram da polícia para o Pedro Collor [então diretor do grupo] e ele nos chamou na sala dele e tivemos que engolir o afastamento do jornalista Joaquim Alves, que havia feito a matéria dos ratos”, conta o jornalista Iremar Marinho, citando que as redações eram visitadas quase que diariamente por policiais federais.

3. Amazônia e índios sob risco
No governo militar, teve início um processo amplo de devastação da Amazônia. O general Castelo Branco disse, certa vez, que era preciso “integrar para não entregar” a Amazônia. A partir dali, começou o desmatamento e muitos dos que se opuseram morreram.
“Ribeirinhos, índios e quilombolas foram duramente reprimidos tanto ou mais que os moradores das grandes cidades”, diz a jornalista paraense e pesquisadora do tema, Helena Palmquist.
A ideia dos militares era que Amazônia era “terra sem homens”, e deveria ser ocupada por “homens sem terra do Nordeste.”
Obras como as usinas hidrelétricas de Tucuruí e Balbina também não tiveram impactos ambientais ou sociais previamente analisados, nem houve compensação aos moradores que deixaram as áreas alagadas. Até hoje, milhares que saíram para dar lugar às usinas não foram indenizados.

4. Baixa representação política e sindical

Um dos primeiros direitos outorgados aos militares na ditadura foi a possibilidade do governo suspender os direitos políticos do cidadão. Em outubro de 1965, o Ato Institucional número 2 acabou com o multipartidarismo e autorizou a existência de apenas dois: a Arena, dos governistas, e o MDB, da oposição.

O problema é que existiam diversas siglas, que tiveram de ser aglutinadas em um único bloco, o que fragilizou a oposição. “Foi uma camisa-de-força que inibiu, proibiu e dificultou a expressão político-partidária. A oposição ficou muito mal acomodada, e as forças tiveram que conviver com grandes contradições”, diz o cientista político da Universidade Federal de Pernambuco, Michael Zaidan.

As representações sindicais também foram duramente atingidas por serem controladas com pulso forte pelo Ministério do Trabalho. Isso gerou um enfraquecimento dos sindicatos, especialmente na primeira metade do período de repressão.

“Existiam as leis trabalhistas, mas para que elas sejam cumpridas, com os readjustes, é absolutamente necessário que os sindicatos judicializem, intervenham para que os patrões respeitem. Essas liberdades foram reprimidas à época. Os sindicatos eram compostos mais por agentes do governo que trabalhadores”, lembra Zaidan.

5. Saúde pública fragilizada

Se a saúde pública hoje está longe do ideal, ela ainda era mais restrita no regime militar. O Inamps (Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social) era responsável pelo atendimento, com seus hospitais, mas era exclusivo aos trabalhadores formais.

“A imensa maioria da população não tinha acesso”, conta o cardiologista e sindicalista Mário Fernando Lins, que atuou na época da ditadura. Surgiu então a prestação de serviço pago, com hospitais e clínicas privadas.
“Somente após 1988 é que foi adotado o SUS (Sistema Único de Saúde), que hoje atende a uma parcela de 80% da população”, diz Lins. Em 1976, quase 98% das internações eram feitas em hospitais privados. Além disso, o modelo hospitalar adotado fez com que a assistência primária fosse relegada a um segundo plano. Não existiam planos de saúde, e o saneamento básico chegava a poucas localidades. “As doenças infectocontagiosas, como tuberculose, eram fonte de constante preocupação dos médicos”, afirma Lins. Segundo estudo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas), “entre 1965/1970 reduz-se significativamente a velocidade da queda [da mortalidade infantil], refletindo, por certo, a crise social econômica vivenciada pelo país”.

6. Linha dura na educação
A educação brasileira passou por mudanças intensas na ditadura. “O grande problema foi o controle sobre informações e ideologia, com o engessamento do currículo e da pressão sobre o cotidiano da sala de aula”, sintetiza o historiador e professor da Universidade Federal de Alagoas, Luiz Sávio Almeida. As disciplinas de filosofia e sociologia foram substituídas pela de OSPB (Organização Social e Política Brasileira, caracterizada pela transmissão da ideologia do regime autoritário, exaltando o nacionalismo e o civismo dos alunos e, segundo especialistas, privilegiando o ensino de informações factuais em detrimento da reflexão e da análise) e Educação, Moral e Cívica. Ao mesmo tempo, com o baixo índice de investimento na escola pública, as unidades privadas prosperaram. Na área de alfabetização, a grande aposta era o Mobral (Movimento Brasileiro para Alfabetização), uma resposta do regime militar ao método elaborado pelo educador Paulo Freire, que ajudou a erradicar o analfabetismo no mundo na mesma época em que foi considerado “subversivo” pelo governo e exilado. Segundo o estudo “Mapa do Analfabetismo no Brasil”, do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais), do Ministério da Educação, o Mobral foi um “retumbante fracasso.”
Os problemas também chegaram às universidades, com o afastamento delas dos centros urbanos e a introdução do sistema de crédito. “A intenção do regime era evitar aglomeração perto do centro, enquanto o sistema de crédito foi criado para
dispersar os alunos e não criar grupos”, diz o historiador e vice-reitor do Fejal (Fundação Educacional Jayme de Altavila), Douglas Apratto.

7. Corrupção e falta de transparência
No período da ditadura, era praticamente impossível imaginar a sociedade civil organizada atuando para controlar gastos ou denunciando corrupção. Não havia conselhos fiscalizatórios e, com a dissolução do Congresso Nacional, as contas públicas não eram analisadas, nem havia publicidade dos gastos públicos, como é hoje obrigatório.

“O maior antídoto da corrupção é a transparência. Durante a ditadura, tivemos o oposto disso. Os desvios foram muitos, mas acobertados pela força das baionetas”, afirma o juiz e um dos autores da Lei da Ficha Limpa, Márlon Reis.

Reis afirma que, ao contrário dos anos de chumbo, hoje existem órgãos fiscalizatórios, imprensa e oposição livres e maior publicidade dos casos. “Estamos muito melhor agora, pois podemos reagir”, diz.

Outro ponto sempre questionado no período de ditadura foram os recursos investidos em obras de grande porte, cujos gastos eram mantidos em sigilo.

“Obras faraônicas como Itaipu, Transamazônica e Ferrovia do Aço, por exemplo, foram realizadas sem qualquer possibilidade de controle. Nunca saberemos o montante desviado”, disse Reis. “Durante a ditadura, a corrupção não foi uma política de governo, mas de Estado, uma vez que seu principal escopo foi a defesa de interesses econômicos de grupos particulares.”

8. Nordeste mais pobre e migração
A consolidação do Nordeste como região mais pobre do país teve grande participação do governo do militares. “Nenhuma região mudou tanto a economia como o Nordeste”, diz o doutor em economia regional Cícero Péricles Carvalho, professor da Universidade Federal de Alagoas.

Com as políticas adotadas, a região teve um crescimento da pobreza. “Terminada a ditadura, o Nordeste mantinha os piores indicadores nacionais de índices de esperança de vida ao nascer, mortalidade infantil e alfabetização. Entre 1970 e 1990, o número de pobres no Nordeste aumentou de 19,4 milhões para 23,7 milhões, e sua participação no total de pobres do país subiu de 43% para 53%”, afirma Péricles
O crescimento urbano registrado teve como efeito colateral a migração desregulada. “O modelo urbano-industrial reduziu as atividades agropecuárias, que eram determinantes na riqueza regional, com 41% do PIB, para apenas 14% do total em 1990”, diz Péricles.

Enquanto o campo era relegado, as atividades urbanas saltaram, na área industrial, de 12% para 28% e, na área do comércio e serviços, de 47% para 58%.

“A migração gerou mais pobreza nas cidades, sem diminuir a miséria no campo. A população do campo reduziu-se a um terço entre 1960 e 1990”, acrescenta Péricles.

9. Desigualdade: bolo cresceu, mas não foi dividido
“É preciso fazer o bolo crescer para depois dividi-lo”. A frase do então ministro da Fazenda Delfim Netto é, até hoje, uma das mais lembradas do regime militar. Mas o tempo mostrou que o bolo cresceu, sim, ficou conhecido como “milagre brasileiro”, mas poucos comeram fatias dele.

A distribuição de renda entre os estratos sociais ficou mais polarizada durante o regime: os 10% dos mais ricos que tinham 38% da renda em 1960 e chegaram a 51% da renda em 1980. Já os mais pobres, que tinham 17% da renda nacional em 1960, decaíram para 12% duas décadas depois.

Assim, na ditadura houve um aumento das desigualdades sociais. “Isso levou o país ao topo desse ranking mundial”, diz o professor de Economia da Universidade Federal de Alagoas, Cícero Péricles.


“As altas taxas de crescimento significavam mais oportunidades de lucros altos, renda e crédito para consumo de bens duráveis; para os mais pobres, assalariados ou informais, restava a manutenção de sua pobreza anterior”, explica o economista.
10. Precarização do trabalho

Apesar de viver o “milagre brasileiro”, a ditadura trouxe defasagem aos salários dos trabalhadores. “Nossa última ditadura cívico-militar foi, em certo ponto, economicamente exitosa porque permitiu a asfixia ao trabalho e, por consequência, a taxa salarial média”, diz o doutor em ciências sociais e blogueiro Leonardo Sakamoto.

Na época da ditadura, a lei de greve, criada em 1964, sujeitava as paralisações de trabalhadores à intervenção do Poder Executivo e do Ministério Público. “Ir à Justiça do Trabalho para reclamar direitos era possível, mas pouco usual e os pedidos eram minguados”, explica Sakamoto.

“Nada é tão atrativo ao capital do que a possibilidade de exercício de um poder monolítico, sem questionamentos”, diz Sakamoto, que cita a asfixia dos sindicatos, a falta de liberdade de imprensa e política foram “tão atraentes a investidores que isso transformou a ditadura brasileira e o atual regime político e econômico chinês em registros históricos de como crescimento econômico acelerado e a violência institucional podem caminhar lado a lado”. 
Resumindo

10 razões para não ter saudade da ditadura militar

1. Tortura e ausência de direitos humanos
2. Censura e ataque à imprensa
3. Amazônia e índios sob risco
4. Baixa representação política e sindical
5. Saúde pública fragilizada
6. Linha dura na educação
7. Corrupção e falta de transparência
8. Nordeste mais pobre e migração
9. Desigualdade: bolo cresceu, mas não foi dividido
10. Precarização do trabalho
Texto 2
A ditadura brasileira, 1964-1979, ou 1964-1985, ou... sabe-se lá!, tem múltiplos valores simbólicos, todos, é claro, negativos, como o ápice da tortura e da ausência dos direitos humanos no nosso país, a desigualdade social (em 1980, no final da ditadura, os 10% mais ricos detinham 51% da renda nacional), a censura às mais diversas produções culturais, a fragilidade das organizações civis, da educação e da saúde, além da corrupção, desmedida mas desconhecida. A isso, historiadores, professores, a comunidade em geral, têm dedicado atenção.

Porém, como superamos os traumas deixados na nossa sociedade pelos eventos posteriores à fatídica data de 1964? Aliás, realmente os superamos? Ou lhes permitimos continuar crescendo silenciosamente como um câncer, nas nossas instituições e relações sociais?

É justamente isso que vamos procurar demonstrar: dois dos mais claros e negativos traços da nossa cidadania começaram aí, em 1964, a ser moldados - a impunidade e o uso indevido do poder.

A Ditadura Civil-Militar brasileira se destaca entre os regimes de exceção latino-americanos seus contemporâneos pela tentativa de "esquecer-se", ou pior, absolver-se, por simplesmente negar às vítimas de seus desmandos o apontamento de culpados, o seu julgamento e a sua punição (veja o depoimento de Vladimir Palmeira). Ou seja, a chance de fazer justiça - a única forma de digerir grandes reveses entre grupos sociais. A lei da Anistia Geral, de 1979, pretendia inocentar culpados e vítimas, mas, na prática, permitiu que discursos muito diferentes sobre a Ditadura, não apenas contra ela mas também a seu favor, se instaurassem no imaginário nacional até hoje. Vemos, ainda, nos meios intelectuais, na mídia, na política (vídeo Bolsonaro), cidadãos que defendem as "vantagens" da Ditadura, como a segurança, o progresso, a ordem, etc., os quais tiverem o custo, injusto, de milhares de vidas (vídeo Paulo Magalhães).
A impunidade dos crimes cometidos contra a cidadania na Ditadura parece ter permitido que a intitulada "autoridade" no Brasil, seja civil, seja militar, seja policial, desconhecesse limites e invadisse os direitos do cidadão "comum". Pensemos na tortura, que nos causa profunda repulsa. Ela deixou de existir no nosso país? Ou ainda permanece, quase abertamente, praticada pelas autoridades policiais brasileiras? É emblemático o caso do pedreiro carioca Amarildo, que, culpado ou inocente, foi torturado e morto, no ano passado, em uma - pasmem - Unidade de Polícia Pacificadora (UPP).

Além disso, chegamos à democracia em meio a truculências e frustrações. A esperada transição foi marcada pela frase, nada democrática, de nosso último presidente militar, João Batista de Figueiredo: "Quem for contra a democracia, eu prendo e arrebento!". O homem escolhido para conduzir a transição, Tancredo Neves, faleceu e foi substituído por José Sarney; o movimento Diretas Já, a maior das nossas manifestações populares, não convenceu nossos políticos a realizarem eleições e, quando as tivemos, elegemos, como nosso primeiro presidente pós-ditadura, Fernando Collor de Mello, deposto em poucos meses (dado) imerso em um "mar de lama".

Realmente, não fizemos escolhas sensatas nem tivemos sorte.

Contudo, nem o impeachement de um presidente corrupto inaugurou relações mais transparentes entre o poder e os cidadãos no Brasil. Ainda vivemos sob a égide do autoritarismo e de desmandos. Mesmo com um discurso voltado para o social, políticas afirmativas, cotas, etc., vemos que essa visão é, ainda, excludente, quase despota, alienada da nossa realidade e das nossas necessidades, ora revelando as reais intenções dos poderosos, ora refletindo pura incompetência.

No primeiro caso, lembremos da famosa frase da atual presidente da Petrobrás, Maria da Graça Foster, respondendo sobre o crítico problema dos engarrafamentos nas grandes capitais brasileiras: "fico feliz, estou faturando". Se a situação do cidadão,
motorista, pedestre, usuário de transporte coletivo é terrível, se a poluição só aumenta, se os acidentes de trânsito matam mais de quarenta mil brasileiros por ano, nada disso é relevante - o prioritário é que o governos está "faturando".

Excelente - e vergonhoso - exemplo da segunda situação são as declarações risíveis do nosso ministro dos esportes, Aldo Rebelo, em relação ao gigantesco atraso das obras da Copa do Mundo, a ser realizada neste ano no Brasil (compromisso firmado, é bom recordar, há mais de sete anos): "é como casamento: a noiva atrasa, mas chega". Os problemas relacionados aos atrasos, que prejudicam os investidores, encarecem enormemente as obras - a imensa maioria delas tocada com dinheiro público - , as crescentes dificuldades logísticas, os inconvenientes provocados pelos transtornos intermináveis nas capitais do país, tudo isso é irrelevante para a "noiva". Quando dessa declaração (data), o próprio governo reconhecia (dado) de atraso nas obras.

Parece que não será nesses governos recentes que instalaremos a transparência e a justiça nas nossas relações sociais, muito menos a sinceridade. Se parecem ter escolhido o evento da Copa do Mundo para inaugurar uma nova era brasileira, não deveríamos estar, povo e governo preparados para ela? Preparados para superar o que nossas autoridades gostar de chamar de "Complexo de Vira-Lata", numa apropriação da expressão do grande Nelson Rodrigues, referindo-se à nossa baixa autoestima?

Será que podemos aumentar essa autoestima por decreto? Votando com a ampla base política do governo?

Ou seria mais produtivo reconhecer nossos erros históricos com transparência e trabalhar honestamente? Fica a dúvida...
Texto 3
MMA - Mandela

Mandela, o último homem público do século XX
*A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo.

*Na medida em que fui capaz de conquistar alguma coisa, sei que isso ocorreu porque sou um produto do povo da África do Sul.
*Não há nada como regressar a um lugar que está igual para descobrir o quanto a gente mudou.
“Considero isso como um dever que tinha, não apenas com meu povo, mas também com minha profissão, praticar a lei e a justiça para toda a humanidade, gritar contra esta discriminação que é essencialmente injusta e oposta a toda a base de atitude através da justiça que integra a tradição do treinamento legal neste país. Eu acreditei que ao me opor contra esta injustiça eu daria a dignidade do que seria uma profissão honrada.

“A lei me transformou em criminoso, não pelo que fiz, mas pela causa que defendia, pelo que pensava, pela minha consciência.

“A militância me libertou de qualquer sentido remanescente de dívida ou inferioridade que eu ainda pudesse ter; liberou-me do sentimento de ser subjugado pelo poder e pela aparente invencibilidade do homem branco e de suas instituições. Mas agora o homem branco sentiria a força de meus golpes, e eu podia caminhar de cabeça erguida como um homem, e olhar a todos nos olhos com dignidade que resulta de não ter sucumbido à opressão e ao medo. Alcancei a maturidade como um guerreiro da liberdade.”
"Você não é amado porque você é bom, você é bom porque é amado."
*Muitas vezes me perguntei se é justificável uma pessoa negligenciar sua família para lutar por oportunidades para os outros.
"A prisão não rouba apenas sua liberdade, ela tenta privá-lo da sua identidade."
Eu sabia, até onde posso saber alguma coisa, que o opressor precisa ser libertado tanto quanto o oprimido. Um homem que subtraia a liberdade de outro homem é um prisioneiro do ódio, está trancafiado atrás das grades do preconceito e da ignorância. Não sou verdadeiramente livre se estou usurpando a liberdade de alguém, assim como não sou livre quando minha humanidade me é tomada. O opressor tal qual o oprimido têm sua humanidade roubada.
“Estava preparado para a pena de morte. Estar preparado de verdade para uma coisa significa realmente esperá-la. Não é possível estar preparado para algo e, ao mesmo tempo, acreditar em segredo que não acontecerá. Estávamos todos preparados, não porque éramos corajosos, mas porque éramos realistas.

“Aprendi que a coragem não era a ausência do medo, mas o triunfo sobre ele. Eu mesmo senti medo mais vezes do que consigo me lembrar, mas o ocultei por trás de uma máscara de ousadia. O homem corajoso não é aquele que não sente medo, e sim aquele que supera o medo.”
“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar.

“O mais importante não é o que acontece a uma pessoa, mas a forma como ela reage.”
*Se há uma lição que podemos aprender com a luta contra o racismo, tanto em nosso país quanto no seu, é que o racismo precisa ser conscientemente combatido, e não discretamente tolerado. Estou trabalhando agora com as mesmas pessoas que me atiraram à prisão, perseguiram minha mulher, seguiram meus filhos de uma escola para a outra... e sou um dos que dizem: “Esqueçamos o passado e pensemos no presente.”

*Na África, temos um conceito conhecido como *ubuntu*, baseado no reconhecimento de que se somos pessoas somente por causa das outras pessoas.
*Esperei mais de setenta anos para depositar meu primeiro voto.

*Espero ter mais anos para votar, e ainda que vá para a sepultura despertarei e virei votar.
*Se você falar com um homem numa linguagem que ele compreende, isso entra na cabeça dele. Se você falar com ele em sua própria linguagem, você atinge seu coração.*

**Invictus**

> De dentro da noite que me cobre,
> Negra como a cova, de ponta a ponta,
> Eu agradeço a quaisquer deuses que sejam,
> Pela minha alma incontumazível.

**Nao importa quão estreito o portal,**
**Quão carregada de punições a lista,**
**Sou o mestre do meu destino,**
**Sou o capitão da minha alma.”**

William Ernest Henley, 1875

**Na cruel garra da situação,**
**Não estremeci, nem gritei em voz alta.**
**Sob a pancada do acaso,**
**Minha cabeça está ensanguentada,**
**mas não curvada.**

**Além deste lugar de ira e lágrimas**
**Avulta-se apenas o Horror das sombras.**
**E apesar da ameaça dos anos,**
**Encontra-me, e me encontrará destemido.”**